

**ENTRE DESEJOS E PROJEÇÕES: A PSICODINÂMICA DO AMOR
ROMÂNTICO E POSSIBILIDADES DE ADOECIMENTO**

**BETWEEN DESIRES AND PROJECTIONS: THE PSYCHODYNAMICS OF
ROMANTIC LOVE AND POSSIBILITIES OF ILLNESS**

Emanuel Reis Vidal

Graduando de Psicologia, UBM

<https://orcid.org/0009-0006-9164-7070>

ervidal77@gmail.com

Larissa Monteiro Viana

Graduanda de Psicologia, UBM

<https://orcid.org/0009-0004-4209-476X>

larissaviana89@gmail.com

Amanda Ayres

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, URRJ

<https://orcid.org/0009-0009-5684-7503>

amanda.ayres@ubm.br

ARTIGO CIENTÍFICO

Submetido em: 05/11/2025

Aprovado em: 02/12/2025

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar, por meio de um diálogo psicodinâmico, as implicações do amor romântico sobre o corpo, compreendendo como possibilidade de adoecimento as manifestações psicossomáticas. Em particular, busca-se explorar os conceitos fundamentais da Psicanálise de Freud e da Psicologia Analítica, articulando-os com o campo do amor em sua dimensão romântica e corpórea. Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, de abordagem qualitativa e caráter teórico-reflexivo. Nesta revisão, não se pretende estabelecer comparações, mas promover uma interlocução entre as perspectivas abordadas. Ao propor esse diálogo teórico, busca-se ampliar a compreensão de que o corpo como um campo simbólico, pode oferecer novas possibilidades de escuta e elaboração clínica, especialmente em um cenário contemporâneo, nas quais questões emocionais e somáticas estão cada vez mais entrelaçadas. Dessa forma, justifica-se pela escassez de estudos que articulem as experiências amorosas e seus desdobramentos à luz das teorias de Freud e de Jung. Além disso, busca-se apresentar para o campo acadêmico e social uma leitura mais sensível do sofrimento humano, reconhecendo no corpo não apenas o lugar do sintoma, mas também o da possibilidade de sentido.

Palavras-chave: Amor romântico. Corporeidade. Psicossomática. Psicanálise. Psicologia Analítica.

ABSTRACT

This work aims to analyze, through a psychodynamic dialogue, the implications of romantic love on the body, understanding psychosomatic manifestations as a potential cause of illness. In particular, it seeks to explore the fundamental concepts of Freudian psychoanalysis and analytical psychology, articulating them with the field of love in its romantic and corporeal dimensions. This is a narrative literature review, with a qualitative approach and a theoretical-reflective character. This review does not intend to establish comparisons, but to promote a dialogue between the perspectives addressed. By proposing this theoretical dialogue, it seeks to broaden the understanding that the body, as a symbolic field, can offer new possibilities for listening and clinical elaboration, especially in a contemporary scenario where emotional and somatic issues are increasingly intertwined. This is justified by the scarcity of studies that articulate romantic experiences and their unfolding in light of Freudian and Jungian theories. Furthermore, the aim is to present to the academic and social fields a more sensitive understanding of human suffering, recognizing in the body not only the place of the symptom, but also the possibility of meaning.

Keywords: Romantic love. Corporeality. Psychosomatics. Psychoanalysis. Analytical Psychology.

1 INTRODUÇÃO

Apesar de atravessar a existência humana em múltiplas dimensões, do hodierno às grandes narrativas históricas, o amor, sobretudo em sua forma romântica, ainda ocupa um lugar de esquecimento nas discussões acadêmicas que abordam a estrutura psíquica do sujeito. Abordamos sexualidade, sofrimento, e o campo biomédico. Nessa perspectiva, deixamos de contextualizar o amor como um campo legítimo de investigação teórica, contribuindo para que

permaneçamos ignorantes emocionalmente em relação a um afeto que modela nossas escolhas, expectativas e frustrações mais profundas.

O amor romântico é um fenômeno cultural, enraizado em construções sociais e atravessado, no campo da Psicologia Profunda, por forças inconscientes. Deixá-lo em silêncio, portanto, é abrir mão de compreender uma parte essencial da experiência humana, sobretudo aquela que, no encontro com o outro, revela aspectos esquecidos ou fragmentados de si. Pensar no amor, é mais do que abordar um sentimento, é protagonizar o modo como nos constituímos e nos afetamos enquanto sujeitos que desejam, projetam e são vulneráveis diante dessa alteridade.

Seguindo esse panorama, enquanto experiência afetiva, o fenômeno do amor emerge como terreno fértil para o surgimento de conflitos psíquicos que, quando não elaborados, podem encontrar no corpo uma forma de linguagem. As manifestações psicossomáticas, com veemência, são abordadas sob uma ótica predominantemente biomédica, que tende a desconsiderar os atravessamentos implicados nas expressões corporais. Para McDougall (1997), o afeto não pode ser reduzido a um fenômeno unicamente da mente ou do corpo, pois sua natureza é, por essência, psicossomática. Quando a dimensão psíquica da emoção é reprimida, o corpo torna-se o palco onde essa energia busca expressão, como na primeira infância. Dessa análise, parte-se a hipótese de que o amor romântico, permeado por desejos, idealizações e projeções inconscientes, pode manifestar-se no corpo por meio de sintomas psicossomáticos, tornando-o um mediador entre o consciente e o inconsciente.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, o presente estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa de literatura, de abordagem qualitativa e de caráter teórico-reflexivo. Conforme aponta Rother (2007), essa modalidade de revisão possibilita a análise e a discussão ampla de produções teóricas sobre determinado tema, favorecendo a construção de reflexões e articulações conceituais. Sua utilização mostra-se pertinente aos objetivos desta pesquisa, uma vez que permite promover uma interlocução entre a Psicanálise Freudiana e a Psicologia Analítica acerca das implicações do amor romântico sobre o corpo e das manifestações psicossomáticas enquanto expressões do inconsciente. Além disso, revisões dessa natureza contribuem para a sistematização do conhecimento científico e para o aprofundamento teórico de fenômenos complexos, ampliando as possibilidades de compreensão e análise do objeto investigado.

O presente estudo tem como objetivo geral analisar, por meio de um diálogo psicodinâmico, as implicações do amor romântico sobre o corpo, compreendendo as manifestações psicossomáticas como possibilidade de adoecimento e expressão do

inconsciente. De modo mais específico, busca-se explorar os conceitos fundamentais da Psicanálise de Freud e da Psicologia Analítica, que traçam a temática, incluindo, na psicanálise, os conceitos de angústia, desejo e objeto de desejo, e na psicologia analítica, os conceitos de sombra, projeção, complexos e processo de individuação, articulando-os com o campo do amor em sua dimensão romântica e corpórea. Nesta revisão, não se busca estabelecer comparações, mas promover uma interlocução entre as perspectivas abordadas.

Em consonância, justifica-se a pesquisa pela escassez de estudos que articulem as experiências amorosas e seus desdobramentos à luz da teoria de Sigmund Freud e de Carl Gustav Jung. Ao propor esse diálogo teórico, busca-se ampliar a compreensão do corpo como um campo simbólico, capaz de oferecer novas possibilidades de escuta e elaboração clínica, especialmente em um cenário contemporâneo, no qual questões emocionais e somáticas estão cada vez mais entrelaçadas.

2 O AMOR ROMÂNTICO NA PSICANÁLISE

Há uma busca constante pela explicação desse amor, desde filósofos e poetas, que em suas maneiras, expressavam uma ânsia para entender de onde parte a necessidade por afeto. Platão (2016) em “O Banquete”, um de seus diálogos mais famosos, nos transmite uma profundidade sobre o amor (Eros), abordando-o com outros pensadores, que trazem individualmente, visões amplas e distintas, ideias eternas e imutáveis, mas que mesmo após muitos discursos, não chegam a uma resposta concreta, o que revela que a definição não se parte de uma lógica puramente racional, talvez por ser, desde sempre, um enigma da existência. E então, o que é o amor?

Para Freud (1930), o amor é originalmente sexual e ambivalente: nasce da pulsão de vida (Eros) que busca a união com o outro e o prazer, mas pode também se inclinar ao extremo da pulsão de morte (Thanatos), conciliando uma existência simultânea de amor e ódio. Trata-se de uma linha tênue, e compreender por que essa variação ocorre, é um dos objetivos da psicanálise, em particular ao se investigar como o desejo se propaga na estrutura psíquica e se articula ao recalque e à fantasia.

Nesse contexto, torna-se necessário compreender alguns dos conceitos freudianos. Segundo Jorge, “o que é inconsciente, esteve um dia na consciência e é familiar, mas não foi tolerado e sucumbiu ao esquecimento promovido pelo recalque” (2017, p. 188). Ou seja, se o amor infantil não pode ser realizado, é afastado da consciência pelo sujeito de maneira inconsciente. Isso ocorre porque a permanência na consciência de desejos ou lembranças

ligados à sexualidade infantil provocaria angústia, conflitos ou desprazeres. Em contrapartida, os desejos encontram uma via de escape inconsciente, identificado e explicado por Freud, como fantasia. Fink diz que, “sonhos, devaneios, e fantasia normalmente não ficam diretamente na memória, contudo fornecem fragmentos de cenas ou elementos associados a cenas do passado” (2017, p. 176). Dessa forma, pode-se compreender que os desejos reprimidos tendem a aparecer por meio desses fenômenos, seja por sonhos, devaneios ou de maneira fantasmática, funcionando como uma expressão indireta do desejo recalçado.

No contexto social, o amor romântico é uma procura inconsciente que parte desde o primeiro toque do ser humano com o outro. É uma ânsia angustiosa por completude, como se o objeto desejado fosse à idealização de sua falta, o amor “ideal” compensando o vazio da solidão. Freud (1921) aborda essa angústia como forma de projeções ligadas às faltas infantis e ao narcisismo primário, como se, ao amar o outro, fosse possível restaurar um estado de completude perdido. Amar, em parte, é reviver os vínculos infantis, mas também tentar reparar a falta e as feridas deixadas por eles. Contudo, a psicanálise busca compreender as raízes do desejo para poder manejá-lo, sem excluir ou afastar, mas utilizar sua significância para a compreensão da subjetividade do sujeito.

Freud (1924) compreende essa dinâmica a partir do Complexo de Édipo, conceito esse que explica a maneira em que o desejo da criança alcança e rivaliza com os pais. Nesse processo, a criança investe libidinalmente na figura parental do sexo oposto e rivaliza de modo inconsciente, com a figura do mesmo sexo. Esse conflito é fundamental para a constituição psíquica, pois, ao mesmo tempo em que há uma construção na identidade da criança, também exige a quebra dessa expectativa e, conseqüentemente, o deslocamento do desejo. Nesse sentido, Freud aponta que:

Se a satisfação amorosa no terreno do complexo de Édipo deve custar o pênis, tem de haver um conflito entre o interesse narcísico nessa parte do corpo e o investimento libidinal dos objetos parentais. Nesse conflito vence normalmente a primeira dessas forças; o Eu da criança se afasta do complexo de Édipo (Freud, 1924/1996, p. 217).

Assim, observa-se que a saída do complexo de Édipo não elimina suas marcas, mas inaugura uma dinâmica de desejo atravessada pela falta e pela repetição, que retorna nas relações amorosas adultas.

2.1 O AMOR ROMÂNTICO NA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Ao amar, projetamos. A partir disso, quando se reflete sobre o amor dentro das estruturas culturais que nos formam, sustenta-se que grande parte do sofrimento amoroso nasce

da confusão entre amor e dominação, revelando que o amor idealizado incessantemente encobre medos e padrões internalizados de rejeição. Segundo Carl Gustav Jung (2013), é intrigante observar como a ideia de compensação dos opostos se manifesta na evolução das teorias sobre a neurose. Nas situações em que o amor predomina, a vontade de poder encontra-se ausente, e inversamente, onde o poder domina, o amor está em falta. Esses dois elementos configuram-se como sombras, o pólo oposto, um do outro. Diante desse encontro, Marie-Louise Von Franz, considera que, “a sombra é a parte obscura, a parte não vivida e reprimida da estrutura do ego” (1985, p. 7).

Partindo desse pressuposto, o encontro amoroso funciona como um espelho do mundo interno. O que se ama ou se odeia no outro é, com frequência, um reflexo dos próprios conteúdos psíquicos não integrados. Conforme Jung (2016), a projeção constitui um mecanismo psíquico de natureza inconsciente, por meio dos quais conteúdos internos, não reconhecidos pelo sujeito, são deslocados e atribuídos a um objeto externo, de modo que tais conteúdos passam a ser identificados como pertencentes a esse objeto. Desta maneira, o núcleo amoroso se configura como um campo fértil para projeções, que atuam como mediadores do afeto e moldam a percepção do parceiro idealizado. Admiração, desejo, repulsa ou frustração são, assim, percepções de conteúdos inconscientes ainda não reconhecidos. Ao não serem nomeados à consciência, essas dinâmicas ultrapassam o domínio emocional e reverberam na organização corporal do sujeito. Para Jung (2013), não estamos completamente afastados dos aspectos sombrios de nossa existência, ao habitar um corpo, inevitavelmente projetamos sua sombra, como acontece com toda forma corpórea.

Diante do colapso da imagem idealizada, o fenômeno do amor é capaz de desenvolver um confronto com a realidade psíquica do ser. Denominados por complexos afetivos, compreendemos que:

É a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência. Esta imagem é dotada de poderosa coerência interior e tem sua totalidade própria e goza de um grau relativamente elevado de autonomia (Jung, 2000, p. 20).

Nesse sentido, quando a projeção sobre o outro começa a ruir, abre-se um vazio que não diz respeito apenas à decepção amorosa, mas à emersão de complexos enraizados na história emocional individual. Em Teoria dos Complexos, Jung, já pontuava que, “hoje em dia todo mundo sabe que as pessoas ‘têm complexos’. Mas o que não é bem conhecido e, embora teoricamente seja de maior importância, é que os complexos podem ‘ter-nos’” (2000, p. 13). Isso remete à vivência de vínculos primários, materno e paterno. Aqui colocados como figuras

arquetípicas que estruturam afetivamente o psiquismo. Assim, o outro que decepciona não é apenas o “real”, mas o remetente simbólico de uma promessa de cuidado, acolhimento e pertencimento que nunca se realizou plenamente.

A queda da projeção, não provoca apenas uma queda de idealização, mas reabre feridas narcísicas ligadas à rejeição e invisibilidade. Anima e Animus, em latim descritos como alma e espírito, são dois arquétipos do inconsciente coletivo, que refletem a força esmagadora e irresistível que acompanha o apaixonar-se.

Nesse contexto, Emma Jung (2020), os compreende como uma formação psíquica autônoma que exerce função compensatória em relação à personalidade consciente. Anima representa as tendências psicológicas femininas no inconsciente masculino. E Animus representa as tendências psicológicas masculinas no inconsciente feminino. Sanford (2020) acentua que esses arquétipos apresentam polaridades, manifestando-se tanto em dimensões construtivas quanto em expressões potencialmente destrutivas. Diante dessa aceção, não é difícil imaginarmos que quando entrarem no mundo dos relacionamentos homem/mulher, serão em certa medida guiados por estas imagens, e constantemente as projetarão em seus parceiros.

Permeando a conjuntura desse campo, coloca-se presente, o processo de individuação, que é traduzido como a trajetória pela qual o sujeito busca integrar as polaridades psíquicas, superando a fragmentação para alcançar uma totalidade mais autêntica. Conforme Jung, “este processo de transformação que solta o ser humano da prisão no inconsciente” (2016, p. 437). Sob a ótica do amor, em sua dimensão conflituosa, configura-se como uma arena que incendeia os opostos. Entre idealização e decepção, fusão e separação, todos esses polos corroboram para uma crise que, se acolhida, pode impulsionar o indivíduo rumo à amplificação desse fenômeno.

Para Jung (2016), aquele que despreza os instintos torna-se vulnerável a ser controlado por eles, de maneira inesperada, como se fosse vítima de uma armadilha. Da mesma forma, quem não está disposto a reconhecer sua própria limitação corre o risco de ser humilhado, perdendo assim sua dádiva mais valiosa, a liberdade. Nesse sentido, a experiência dolorosa que acompanha o amor, longe de representar um colapso, pode ser interpretada como um chamado, um processo que convoca o sujeito a enfrentar suas sombras, confrontar seus complexos e abrir espaço para a autorrealização. De acordo com Robert A. Johnson:

O amor romântico é um desses fenômenos psicológicos realmente arrasadores que surgiram na história dos povos ocidentais. (...) Ainda não aprendemos a lidar coletivamente com o tremendo poder do amor romântico. Frequentemente nós o transformamos em tragédia e alienação e não em relacionamentos humanos duradouros. Acredito, porém, que se homens e mulheres compreenderem os mecanismos psicológicos que atuam por trás do amor romântico e aprenderem a lidar com eles conscientemente, terão nas mãos a chave para novas possibilidades de

relacionamento, tanto com os outros como consigo mesmos (Johnson, 1987, p. 05).

Logo, na leitura da Psicologia Analítica, o amor romântico, revela-se menos como uma experiência voltada para o outro, e mais como uma manifestação das forças inconscientes que habitam aquele que ama. Consoante a Johnson (1995), o amor não se submete às ilusões individuais, às construções sociais ou às expectativas artificiais que lhe são atribuídas. Sua essência não se reduz às projeções do ego, tampouco às idealizações românticas ou a intensidade emocional que costumam distorcê-lo. Impõe-se como força autônoma, manifestando-se como expressão do ser em sua autenticidade, e não como representação do que o ego deseja moldar.

3 O CORPO COMO TEATRO DO INCONSCIENTE: RELEITURA DA HISTERIA FREUDIANA

Ao explorar a dinâmica do Complexo de Édipo e do desejo com o seu objeto, torna-se evidente que essas marcas psíquicas não se limitam ao inconsciente. Pelo contrário, encontram no corpo um espaço privilegiado de elaboração. É nesse ponto que as releituras da histeria se mostram pertinentes, pois é a partir delas que os estudos investigam as manifestações corporais do desejo inconsciente, tornando o corpo um verdadeiro palco para uma encenação complexa e simbólica. Segundo Maurano (2010) a histeria utiliza o corpo como um recurso defensivo para a conversão dessa excitação psíquica, e tal recurso ocorre de maneira prioritária devido ao inibidor da expressão sexual.

Dessa forma, o desejo não realizado e a angústia gerada pela falta de satisfação encontram no corpo um meio de expressão. Quando a palavra é silenciada e o alcance libidinal é limitado, o corpo se manifesta por meio do sintoma, não como um pedido consciente, mas como a última via possível de expressão do inconsciente. Para Maurano, “é com a ‘substância’ da falta que tornamos operante o vazio, o não senso da existência, e fazemos dele alguma coisa, inventamos” (2010, p. 18). Por isso, a invenção assume um caráter fantasioso que não se restringe ao imaginário. Entretanto, Maurano (2010) ainda explica que quando essa fantasia busca inscrição no simbólico, ela se depara com a lei e a moral, de modo que condiciona o “amor” e o desejo ao recalque. A interdição simbólica, representada pela lei e pela moral, é o que delimita o campo do desejo. É justamente esse limite

que instaura o recalque, gerando no sujeito a dúvida entre o que deseja e o que lhe é permitido desejar. Assim, o amor quando atravessado por essa interdição, assume um caráter ambíguo, idealizado e impossível.

Um exemplo notável dessa dinâmica entre corpo, desejo e lei, pode ser observado no conhecido caso Dora, relatado por Freud em Fragmentos de Análise de um Caso de Histeria (1905). Dora, uma jovem de 18 anos, apresentava sintomas histéricos como afonia e desmaios, cuja origem não era explicada. A análise revelou que tais manifestações estavam ligadas a conflitos inconscientes relacionados ao desejo e à repressão sexual. Ela estava inserida em relações familiares e afetivas marcadas pela ambiguidade. O amor, o ciúme e a culpa se entrelaçavam de forma tão intensa que não era possível serem realizados por causa dos atravessamentos causados pela moral em seus desejos, impossibilitando a realização simbólica de seus afetos. Portanto, Dora expressava no corpo o que não podia simbolizar em palavras, o sintoma. Nesse sentido, se inseriu como uma linguagem, um modo no qual o inconsciente encontrava via de expressão. Freud reconhece que a jovem ao interromper o tratamento, também manifestava, por meio da transferência, a resistência à posição que lhe era imposta pelo desejo do outro. Este exemplo toma a função do sintoma histérico como efeito do recalque, onde o corpo se torna o lugar de inscrição do desejo recalcado e da impossibilidade de simbolizar completamente a falta.

3.1 A LINGUAGEM SIMBÓLICA DOS COMPLEXOS E A FUNÇÃO SOMÁTICA NA ANALÍTICA

Em paralelo a visão acima exposta, Johnson (1987), aponta que o mito pode ser compreendido como uma forma de ‘sonho coletivo’, no qual uma comunidade, em determinado momento histórico, compartilha imagens que transcendem o indivíduo. Essas expressões simbólicas não se restringem ao campo literário, mas encontram voz na própria organização da vida social. Deste modo, o arcabouço que a narrativa de Eros e Psiquê oferece para a compreensão do amor romântico na perspectiva analítica, ilustra a complexidade do encontro afetivo.

O conto traduz a analogia que o amor não se limita à união idealizada pelo pessoal e pelo coletivo, mas que envolve atravessar tensões e confrontar o desconhecido em si e no outro. Sob a ótica psicológica, Johnson (1987), elucida a narrativa desse encontro como o símbolo do desenvolvimento humano, na medida em que representa a possibilidade de vivenciar uma experiência arquetípica em toda sua intensidade e, ao mesmo tempo, atravessá-la sem ser destruído por seus efeitos. Consequentemente, o aspecto de invisibilidade de Eros simboliza a

dimensão obscura dos afetos, que escapam o controle da consciência, enquanto as provas de Psiquê apontam para o esforço de integração dos conteúdos inconscientes. Assim, Johnson (1995), propõe que olhar para o amor romântico de maneira realista configura-se como um desafio de caráter heroico, tal percurso, semelhante a uma jornada arquetípica, conduz ao confronto de experiências difíceis. Contudo, ao sustentar esse enfrentamento, o indivíduo é conduzido a um nível ampliado de consciência. Deste modo, perante o exposto, esse processo é essencial para que o vínculo amoroso não permaneça aprisionado na ilusão da completude, mas se torne caminho de transformação psíquica.

Teoricamente, a partir da narrativa do mito apresentado, percebe-se que os complexos constituem representações carregadas de afeto, capazes de influenciar condutas, percepções e vínculos de maneira autônoma. Diante disso, Jung, assinala, “que os complexos autônomos se contam entre os fenômenos normais da vida e determinam a estrutura da psique inconsciente” (2000, p. 24). No núcleo romântico, são frequentemente constelados, projetando no outros aspectos inconscientes da psique individual. Concomitantemente Neumann (1993), integra o mito como a exteriorização simbólica do inconsciente diante das situações que estruturam a existência coletiva da humanidade. Nesse sentido, funciona como uma linguagem simbólica que espelha o movimento dos complexos, expressando tanto sua potência criativa quanto sua dimensão conflitiva. Conforme Ramos (2006), quando determinados conteúdos atuam no corpo simbólico podem ser vividos de forma passiva ou ativa. De forma passiva, sua atuação vem como sintomas e fantasias. Já ativamente, esses conteúdos estabelecem uma relação com o símbolo emergente, que vem a ser integrado na consciência (2006, p.67).

Isto posto, percebe-se a expressão corporal dos afetos como uma forma de linguagem, em que os sintomas físicos carregam uma imagem simbólica que a elaboração psíquica consciente não foi capaz de traduzir. Deste modo, experiências de frustração, rejeição ou idealização desmedidas no campo amoroso, podem desencadear respostas somáticas, desde manifestações ansiosas, dores difusas até sintomas psicossomáticos persistentes. Sincronicamente Ramos (2006), sintetiza que o símbolo constitui a forma pela qual se torna apreensível à correlação entre processo psíquico e corpóreo, expressando-se nas variações fisiológicas e nas imagens internas que lhes correspondem. Todo complexo possui uma dimensão simbólica que se manifesta corporalmente, sendo por meio dessa locução somática que se pode acessar o conteúdo inconsciente implicado na dinâmica de adoecimento. Conforme Boechat, “estas manifestações somáticas do complexo psicológico fazem dele uma entidade pertencente à unidade corpo-mente, e sua presença é demonstrada, experimentalmente” (2004, p. 69). Ou seja, a função somática, nesse contexto, revela a tentativa do inconsciente de

comunicar aquilo que não pode ser elaborado no plano psíquico. Atua como via de expressão e denúncia os limites da consciência diante da intensidade dos afetos mobilizados pela experiência amorosa.

4 PSICOSSOMÁTICA: EXPRESSÃO FINAL DO CONFLITO INCONSCIENTE

A psicossomática aborda como os processos emocionais e mentais se refletem e se expressam através do corpo. Logo, se refere a toda expressão psíquica via soma. Nas palavras de Jung:

A intercomunicação das características corporais e psíquicas é tão íntima que podemos tirar conclusões não só a partir da constituição do corpo sobre a constituição da psique, mas também da particularidade psíquica sobre correspondentes formas corporais dos fenômenos (Jung, 1991, p. 483).

Dentro desse contexto, os sintomas psicossomáticos emergem como uma forma de expressão que transcende puramente o físico, sugerindo uma tradução simbólica, partindo do inconsciente que clama por ser desvendado. Diante dessa leitura, para compreender o amor romântico no contexto da psicossomática, é necessário mergulhar em sua profundidade sociocultural, e a maneira como esse fenômeno transcende as épocas. Bell Hooks (2020) concebe o amor como um fenômeno incorporado nas determinações socioculturais, cuja experiência é mediada por normas de gênero, estruturas de poder e desigualdades sociais. A autora analisa que a socialização patriarcal produz padrões afetivos marcados pela dominação, repressão da vulnerabilidade e da instrumentalização das relações. Ao problematizar a idealização cultural do amor, demonstrada em representações midiáticas que naturalizam hierarquias, torna-se imprescindível reafirmar o comprometimento da ética relacional baseada no cuidado, reciprocidade e responsabilidade emocional. Nesse sentido, o amor se desloca da esfera meramente subjetiva, apresentando-o como uma prática crítica que exige reconhecimento e confrontação das determinações socioculturais e históricas que o atravessam.

Segundo Morschitzky e Sator, “a reação psicossomática certamente é uma forma saudável de experiência, pois cada emoção conduz a reações físicas e cada reação física gera determinadas emoções” (2013, p. 13). Entretanto, diante da narrativa contemporânea globalizada, o que é visto, é que as pessoas afetadas deixam de experienciar sua vida psíquica, e passam a manifestá-la de forma alienada por meio do sintoma físico. Por conseguinte, pacientes com manifestações psicossomáticas frequentemente demonstram dificuldade em reconhecer a interdependência entre corpo e psique. Essa cisão os leva a perceber o sofrimento apenas em sua dimensão orgânica, buscando soluções exclusivamente físicas. Tal reducionismo

é, por vezes, reforçado pelos próprios profissionais que os acompanham, perpetuando abordagens fragmentadas de adoecimento. Deste modo, torna-se imprescindível que o sofrimento também seja integrado por uma dimensão psíquica, reconhecendo o corpo como expressão simbólica desse processo. Para tanto, é essencial investigar, em cada sujeito, os modos singulares e coletivos de pensamento, vivência e comportamento, bem como as condições concretas de vida que contribuem para o adoecimento (Morschitzky; Sator, 2013).

Para Freud (1920-1923), o núcleo do que denominamos amor corresponde, em essência, ao que normalmente é cantado pela poesia e compreendido como amor entre os sexos, voltado à união sexual. No entanto, ele amplia essa noção incluindo outras formas de amor, como o amor-próprio, o amor entre pais e filhos, a amizade, o amor à humanidade e até a devoção a objetos ou ideais abstratos. Logo, essas construções, frequentemente marcadas por ideais de fusão, exclusividade e sacrifício, transmitem ao inconsciente narrativas carregadas de projeções e de desejos recalçados. Por consequência, percebe-se um sujeito que ama segundo roteiros coletivos, mas que sofre de modo singular.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do percurso teórico desenvolvido, e retomando a proposta deste estudo, observa-se que os objetivos foram contemplados ao longo da discussão, na medida em que as respectivas abordagens trabalhadas oferecem compreensões singulares sobre o vínculo entre o amor e a corporeidade. Permitindo compreender o núcleo amoroso como um fenômeno que ultrapassa o campo do afeto individual, espelhando-se como expressão simbólica da relação entre o eu e o outro.

Quando revelado apenas como um mero sentimento ou ideal cultural, perde-se a oportunidade de analisar sua estrutura e o seu impacto na psique. Diante disso, por Freud, o amor romântico apresenta-se como espaço de expressão da falta e eco do desejo, podendo manifestar-se no corpo quando o afeto não encontra vias de elaboração psíquicas. Para Jung, o amor perpassa o campo arquetípico, que integra aspectos projetados, o que impulsiona o processo de individuação. Assim, a psicossomática, sob ambas teorias, passa a ser reconhecida como expressão inconsciente, pela qual o sujeito traduz conteúdos reprimidos ou não simbolizados no campo afetivo.

Nesse sentido, foi possível analisar, a partir do diálogo entre Freud e Jung, as implicações do amor romântico sobre o corpo, compreendendo as manifestações psicossomáticas como expressões do inconsciente, conforme proposto no objetivo geral. No

que se refere aos objetivos específicos, foi possível explorar os conceitos fundamentais da Psicanálise Freudiana e da Psicologia Analítica que atravessam o corpo, o afeto e o inconsciente, bem como investigar as concepções do amor romântico presentes em ambas as linhas teóricas. Além disso, o estudo permitiu estabelecer articulações teóricas entre Freud e Jung, sem a intenção de promover comparações, mas de construir um campo de interlocução dos saberes. Por fim, construiu-se a possibilidade de refletir sobre a psicossomática enquanto linguagem do inconsciente, compreendendo-a como uma via de expressão de conteúdos afetivos não simbolizados.

Ao debruçar sobre a questão de pesquisa, constatou-se que o amor romântico, quando atravessado por idealizações, projeções e conflitos desenfreados, transforma-se em uma via potencial para o adoecimento. Deste modo, as manifestações corpóreas configuram-se como discursos silenciosos, que revelam as tensões entre desejo, afeto e identidade. Não se portam apenas como sintomas, mas como uma forma de protagonizar o que precisa ser escutado. A interlocução entre as duas perspectivas demonstrou que, embora partam de referenciais teóricos distintos, ambas reconhecem a relevância do inconsciente na constituição das experiências amorosas e na compreensão das manifestações corporais associadas aos conflitos afetivos.

O corpo, então, deixa de ser visto somente como um palco da dor, mas como um mediador entre o que foi experienciado e o que permanece ativo no inconsciente. Portanto, conclui-se, que refletir sobre o campo do amor a partir de implicações psicossomáticas, é reconhecer o corpo como território de integração dos afetos e das experiências subjetivas. A presente revisão contribui para deslocar o olhar reducionista que isola o sintoma do sujeito, permitindo compreender o adoecimento como um fenômeno de sentido, articulando à dinâmica do inconsciente às vivências relacionais.

REFERÊNCIAS

BOECHAT, W. **O corpo psicóide**: a crise de paradigma e a relação corpo-mente. Tese de doutorado em Saúde Coletiva - Instituto de Medicina Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

FINK, Bruce. **Fundamentos da técnica psicanalítica**: uma abordagem lacaniana para praticantes. Rio de Janeiro: Blucher, 2017.

FREUD, S. **A dissolução do complexo de Édipo (1924)**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 213-226.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. São Paulo: L&PM, 2016.

FREUD, Sigmund. **Freud (1920-1923)**. Obras completas volume 15: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização (1930)**. São Paulo: Cienbook, 2020.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901–1905)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Obras completas, v. 6).

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.

JOHNSON, Robert A. **SHE: a chave do entendimento da psicologia feminina**. São Paulo: Mercury, 1987.

JOHNSON, Robert A. **We: a chave da psicologia do amor romântico**. São Paulo: Mercury, 1995.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a prática analítica**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2017.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** Petrópolis:Vozes, 2016. v.9/1.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, Carl. Gustav. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNG, Emma. **Animus e Anima: uma introdução à psicologia analítica sobre os arquétipos do masculino e feminino inconscientes**. São Paulo: Cultrix, 2020.

MAURANO, Denise. **Histeria: o princípio de tudo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

MCDOLGALL, Joyce. **As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana**. Trad. Pedro Herinque Bernardes Rondon. São Paulo: M. Fontes, 1997.

MORSCHITZKY, Hans; SATOR, Sigrid. **Quando a alma fala através do corpo: compreender e curar distúrbios psicossomáticos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

NEUMANN, Erich. **Amor e psiquê: uma contribuição para o desenvolvimento da psique feminina**. São Paulo: Cultrix, 1993.

PLATÃO. **O banquete**. Tradução, introdução e notas de José Cavalcante de Souza. Edição bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2016.

RAMOS, Denise Gimenez. **A psique do corpo: a dimensão simbólica da doença**. Rio de Janeiro: Summus Editorial, 2006.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X Revisão narrativa. **Acta paulista de enfermagem**, v. 20, p. v-vi, 2007.

SANFORD, John A. **Os parceiros invisíveis**: o masculino e o feminino dentro de cada um de nós. São Paulo: Paulus, 2020.

VON FRANZ, Marie-Luise; KUJAWSKI, Maria Christina Penteado. **A sombra e o mal nos contos de fada**. São Paulo: Paulinas, 1985.